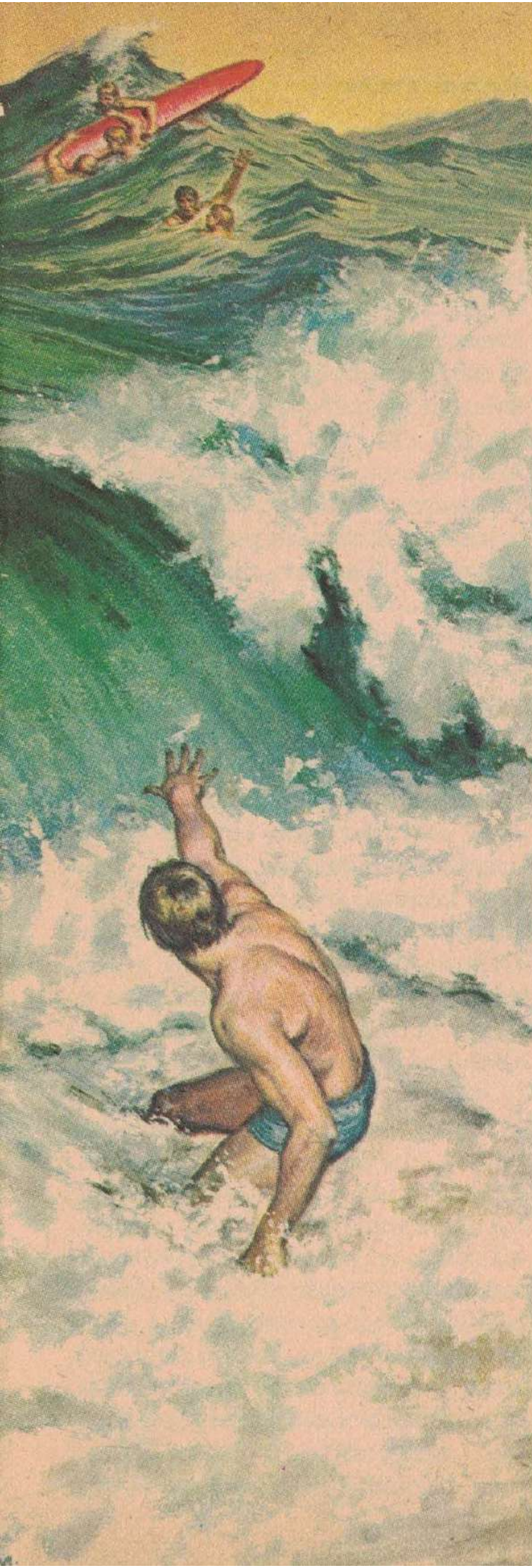




«Meus filhos estão-se afogando!»

Na rebentação violenta da costa australiana, um pai descobre a energia e a coragem de seus três filhos

BRIAN DAVIES

SE NÃO fosse por minha filhinha, nós não teríamos ido à praia no dia de Natal em 1976. O dia fora quente, abafado. Ao cair da tarde, decidi levar Sarah, de quatro anos, à piscina local para nadar um pouco. Meus filhos (Ben, 15 anos; Luke, 14; e Felix, 12) não quiseram ir conosco. Eles adoravam água, mas ir nadar com um coroa e uma garotinha? Sem essa!

Sarah e eu encontramos a piscina fechada; então, resolvi de momento pegar o carro e andar 13km até Mona Vale, uma das praias mais

populares de Sydney entre os surfistas. Tive outra inspiração: arrancar aqueles preguiçosos da indolência do Natal e fazê-los ir conosco.

Para ser honesto, isso tinha um quê — pôr em jogo minha autoridade paterna. Meus filhos vinham assumindo ares importantes nos últimos tempos. Quando os juntei no carro, só Félix denotava entusiasmo. Luke mostrava-se resignado, e Ben, rebelde.

Para celebrar a «vitória» do pai sobre seus filhos recalcitrantes, pus um enorme chapéu de palha ridiculamente surrado. Os rapazes rezingaram e desviaram os olhos, mas minha mulher, Joan, ria-se quando se instalou no banco de trás para irmos embora. Ela sonhava com a temperatura agradável em Mona Vale e com a alegria de ver Sarah chapinhando na água.

Quando chegamos ao mar, por volta das seis e meia da tarde, ainda havia uma dezena de pessoas por ali, principalmente crianças, nadando e fazendo *surf* no extremo da praia. Não havia qualquer sinal de policiais nem de banhistas do corpo de salvamento.

Enquanto Joan se descontraía na areia e eu chapinhava com Sarah numa pequena piscina formada pela água nas rochas, os rapazes em seguida se afastaram de nós. Depois de umas enérgicas braçadas para bem longe da praia, a fim de esconderem aos outros de sua idade que estavam acompanhados dos pais, começaram a ensaiar-se na prancha de *surf*, que pertencia aos três.

Ben e Luke eram bons nadadores e eu tinha renunciado às repetidas recomendações que eles vinham ouvindo desde pequenos: que não se afastassem das bandeiras de marcação da zona de segurança, que tivessem cuidado com a rebentação e as correntezas, que não fossem para muito longe. Agora, eu me preocupava era com sua forma física. Dizia-lhes que seu hábito de ficarem para cá e para lá pela areia, mostrando os músculos para as admiradoras, não lhes dava resistência para nadar.

Resolvendo também não pranchar, os dois mais velhos condescenderam em deixar Felix sozinho com a tábua. Sentaram-se taciturnos na praia e, enquanto esperavam que eu os liberasse, ficaram a olhar para o irmão, que tentava inutilmente equilibrar-se sobre a prancha, com o ar de gozação que a grande diferença de idades lhes atribuía. Felix estava ainda aprendendo a manobrar a prancha, e tinha de reunir toda a sua coragem na aventura de passar para lá da rebentação.

Para mim, isso era o fim idílico para o dia de Natal: minha filha chapinhando muito feliz na água; meus filhos mais velhos, descontraídos e felizes sob a aparência de seu ressentimento; Felix ganhando confiança na prancha; o adorável boboca do meu cachorrinho rolando em volta das pernas de minha mulher. O Sol era uma bola alaranjada, deslumbrando nossos olhos e deixando atrás de si longas e fantás-

ticas sombras sobre a praia. Perto dali, dois homens da minha idade, digamos uns 40 anos, e quatro crianças entre 8 e 12 anos, brincavam na água, mergulhando para cá da rebentação.

Era uma cena quase perfeita, uma ilustração de cartão-postal do cair da tarde de um dia de Natal na Austrália.

Deixei Sarah com a mãe e fui dar um último mergulho, antes de voltarmos para casa. Para lá das primeiras ondas, avistei, subindo e descendo, as cabeças daquele grupo familiar de dois homens e quatro crianças. Era engraçado vê-los assim, uns grudados nos outros. De repente, senti um calafrio de medo. Procurei tranquilizar-me, dizendo a mim mesmo que eles estavam bem; do contrário, gritariam por mim.

Avancei obliquamente em sua direção e percebi que estavam sendo arrastados para longe. Podia agora ver a ansiedade estampada em seus rostos e observar o esforço a que seus corpos se entregavam. Gritei: «Tudo bem?» Esperei que me dissessem que sim, mas a resposta que eu receava chegou-me por cima das ondas: «*Socorro!*»

Os dois adultos estavam mais ao largo, em relação às crianças, procurando levá-las para a praia. Embora nadassem desesperadamente, não conseguiam avançar, e havia pânico na maneira como as crianças batiam os braços na água.

Relutante, fui-me dirigindo em sua direção. Meu Deus! Que podia eu fazer para levar dois adultos e

quatro crianças até a praia? Era a muito custo que eu conseguia nadar 100m na piscina da cidade. Agora, porém, o medo e o reflexo me empurravam para diante. Nesse momento, senti que estava na linha da rebentação.

Um vagalhão inacreditavelmente violento veio estourar sobre mim, atirando-me em direção ao grupo que se debatia. Em meio aos gritos e à confusão, consegui segurar o braço da garotinha que estava mais perto de mim. Fosse como fosse, com energias criadas pelo desespero, consegui afastar-me da terrível rebentação. À medida que eu avançava a duras penas com a garotinha, procurando pé, passou-me pela cabeça uma idéia inconcebível: *Abandone os outros. Esqueça-os. Você nada mais pode fazer.*

Sem se aperceber do drama que se estava desenrolando, Felix continuava com a prancha. *A prancha!* Claro! Gritei-lhe mais alto que o fragor da ressaca: «A prancha, Felix! Traz a prancha!»

Escarrapachados, lá estavam Ben e Luke na praia. Mais tarde, quando falamos nisso, eles me disseram terem pensado que eu ia dar uma andada na prancha.

Felix, porém, compreendeu o que estava acontecendo e, em vez de me trazer a prancha, lançou-se ele próprio no meio das vagas, nadando furiosamente. Gritei-lhe que voltasse; depois, gelado de terror, vi-o furar onda após onda, à medida que avançava para as cabeças que subiam e desciam adiante no mar.

Quando desapareceu por detrás das ondas, comecei a nadar em sua direção. De súbito, dois corpos esguios, bronzeados, passaram por mim. Ben e Luke furavam as ondas, com seus braços jovens, fortes, abrindo caminho. Minha idílica tarde de Natal tinha-se desfeito.

Depois, vi, pasmo, uma prancha de *surf* cortando a crista de uma onda; era Felix que voltava. Sobre a prancha, à sua frente, havia duas crianças, e meu filho lutava para que elas se salvassem. Aproximei-me dele; juntos, dirigimos a prancha para onde dava pé e pusemos os pequenos na areia.

Meus filhos Ben e Luke, porém, ainda estavam longe, no mar. As pranchas de *surf* eram a salvação. Eu precisava de mais outras. Comecei a correr em direção a alguns surfistas, à distância.

Naquele instante, outro pensamento de pânico se apoderou de mim: Felix! Mas ele já vinha de novo na prancha, abrindo caminho através da rebentação. (Mais tarde, ele me disse: «Eu não queria ir, papai, mas os manos estavam chamando por mim, para levar a prancha.»)

Inutilmente voltei a fazer o caminho por onde tinha vindo. Estava sem fôlego, cansado, quase histérico. Meus três filhos iam afogar-se. Eles e a outra família, eu os via agitando-se entre duas vagas. Um dos homens gritou em voz de pânico: «Socorro! Socorro!»

Mergulhei de novo nas ondas, mas não consegui chegar à rebenta-

ção. Um vulto... não, dois... aproximaram-se de mim. Era Ben, trazendo um rapazinho. Ele empurrou o garoto em minha direção e, sem palavra, voltou. Todos os jovens estavam agora a salvo, menos os meus.

Nunca me sentira tão inútil. Por entre as ondas, pude ver Luke, Felix e um adulto agarrados à prancha, enquanto esta se erguia entre cada ondulação. Ben e o outro homem estavam lutando no mar, logo ali. Imaginei o pequeno rosto tenso de Felix quando ele se agarrou à prancha, e meu receio levou-me às lágrimas. Ben podia chegar à praia, mas Luke e Felix não. Eu teria de ir até a rebentação. A razão já não contava.

De súbito, dois jovens de cerca de 20 anos passaram velozes a meu lado, colocaram suas pranchas na água e avançaram por entre as ondas. Sem que eu desse conta, Joan tinha feito o que eu deixara de fazer na areia: ir até os surfistas e trazê-los correndo para ajudar.

Momentos depois, Felix estava de volta, encarapitado atrás de um surfista, exausto, mas fazendo caretas simiescas: aquele tinha sido o mais longo estirão como surfista de sua vida. Depois veio Luke com nossa prancha, ajudando os dois adultos a chegarem a um lugar seguro; a seguir, Ben. Ele vinha nadando de volta sem o auxílio da prancha, decidido a chegar a terra por seus próprios meios; e, no fim, estava tão exausto que mal conseguiu arrastar-se até a praia.

Ninguém falou muito – nem nós, nem a família cujas vidas tinham sido salvas, nem os jovens que haviam chegado em momento tão decisivo em nosso auxílio. Instalei Ben, Luke e Felix no banco traseiro do carro, embrulhados em toalhas de praia, presentes de Natal, tremendo apesar do calor.

De regresso a casa, começamos a falar sobre o que se tinha passado... e nunca mais acabávamos.

Daí a pouco, minha própria perspectiva dos acontecimentos daquela memorável noite começou a tomar forma. Ben, Luke e Felix tinham realizado a proeza por si próprios, sem quaisquer instruções ou orientação minhas. Havia agido juntos por sua iniciativa, recorrendo a sua própria força e coragem. Agora, felizmente, estava de novo com meus filhos, meus rapazes... meus esplêndidos homenzinhos.



UM ANO bissexto é divisível por quatro, mas determinar quais são os anos que devem ter um dia a mais não é tarefa fácil. Um ano centenário, que pode ser divisível por quatro, não é ano bissexto se não for também divisível por 400. Por exemplo, o ano de 1900 não foi bissexto porque, embora fosse divisível por quatro, não era divisível por 400.

Este complicado método de determinar quais são os anos bissextos foi idealizado por um astrônomo italiano porque, em 1582, o papa Gregório XIII, aconselhado por astrônomos, chegou à conclusão de que os anos bissextos estavam se repetindo com tanta frequência que o próprio calendário ia ficando ultrapassado. O método do astrônomo italiano ainda é seguido hoje, e o nosso calendário precisa ser corrigido de um dia a cada três mil anos.

– *Nuggets*

TALVEZ poucas pessoas saibam que 360 dos 1.860 policiais da cidade de Milão, Itália, são intérpretes diplomados. Basta olhar para a manga esquerda do uniforme para reconhecê-los. Pequenas bandeiras indicam qual o idioma que cada um fala: 254 sabem falar bem francês; 180 sabem inglês; 86, alemão; 40, espanhol; e cerca de uma dezena fala as línguas servo-croatas. Alguns dominam vários idiomas, é claro, e suas mangas esquerdas parecem um navio embandeirado.

Durante seu treinamento para a polícia, aprendem também história da arte em Milão, o que os torna aptos a atuar como guias-intérpretes, quando a ocasião assim o exige. Esses policiais podem ser encontrados nas «ilhas» para pedestres espalhadas pela cidade, onde os estrangeiros e os turistas passeiam à vontade.

– *Milano Mese, Itália*